

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JAIRO DE ALMEIDA SANTANA

O ADJUNTO ADVERBIAL COMO FONTE DE COESÃO TEXTUAL

**Jaguarão
2017**

JAIRO DE ALMEIDA SANTANA

O ADJUNTO ADVERBIAL COMO FONTE DE COESÃO TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Leonor Simioni

**Jaguarão
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S232a Santana, Jairo de Almeida

O adjunto adverbial como fonte de coesão textual / Jairo de Almeida Santana.

47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.

"Orientação: Leonor Simioni".

1. Linguística. 2. Linguística Textual. 3. Análise Sintática. 4. Análise Textual. I. Título.

JAIRO DE ALMEIDA SANTANA

O ADJUNTO ADVERBIAL COMO FONTE DE COESÃO TEXTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 04 de dezembro de 2017

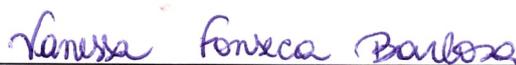
Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Leonor Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)



Prof.^a Dr.^a Renata Silveira da Silva
(UNIPAMPA)



Prof.^a Ma. Vanessa Fonseca Barbosa
(PUCRS)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso objetiva analisar o funcionamento do adjunto adverbial na constituição frasal, refletindo sobre sua função coesiva no texto, de modo a auxiliar na tessitura e na coerência textual. Para isso, parte-se da noção de texto, fundamentada pela Linguística Textual, desenvolvendo um breve olhar sobre os fatores de textualidade propostos por Beugrande e Dressler (1981), citados por Koch (2009a) e Marcuschi (2008), para possíveis análises das propriedades constituintes de um texto, a fim de focar na coesão textual, que é o direcionamento deste trabalho. Por outro lado, desenvolve-se um levantamento bibliográfico das principais descrições e classificações do advérbio/adjunto adverbial, assim como seu posicionamento na oração. A partir dessas articulações, passa-se à análise de dois textos narrativos, do gênero textual notícia, a fim de mostrar que, apesar de ser um termo acessório, o adjunto adverbial se mostra fundamental para que haja a coesão textual e, conseqüentemente, a coerência do texto. Por fim, chega-se à conclusão de que, ao retirar os adjuntos adverbiais, o texto perde muito da coesão textual, e que, em alguns fragmentos, se formou uma sequência de frases soltas, sem conexão. Conclui-se também que a posição do adjunto adverbial é algo a se considerar no momento de produção de textos, visto que esse movimento auxilia diretamente na coesão textual.

Palavras-Chave: Linguística Textual. Coesão textual. Análise sintática. Adjunto adverbial. Texto.

RESUMEN

Este “Trabalho de Conclusão de Curso” objetiva analizar el funcionamiento del adjunto adverbial en la construcción de la frase, reflexionando sobre su función cohesiva en el texto, de modo a auxiliar en la “tessitura” y en la coherencia textual. Para eso, se parte de la noción de texto, basada por la Lingüística Textual, desarrollando una breve mirada sobre los “fatores de textualidade” propuestos por Beugrande e Dressler (1981), citados por Koch (2009a) e Marcuschi (2008), para posibles análisis de las propiedades constituyentes de un texto, con el fin de enfocar en la cohesión textual, que es el direccionamiento de esta investigación. Por otro lado, se desarrolla un levantamiento bibliográfico de las principales descripciones y clasificaciones del adverbio/adjunto adverbial, así como su posicionamiento en la oración. A partir de esas articulaciones, se pasa al análisis de dos textos narrativos cortos, del género textual noticia, con el fin de mostrar que, a pesar de ser un termo accesorio, el adjunto adverbial se muestra fundamental para que se tenga la cohesión textual y, consecuentemente, la coherencia del texto. Por fin, se llega a la conclusión de que, al sacar los adjuntos adverbiales, el texto pierde mucho de la cohesión textual, e que, en algunos fragmentos, se formó una secuencia de frases sueltas, sin conexión. Se concluye también que la posición del adjunto adverbial es algo a considerarse en el momento de la producción de textos, visto que ese movimiento auxilia en la cohesión textual.

Palabras clave: Lingüística Textual; Cohesión textual; Análisis sintáctica; Adjunto adverbial; Texto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto 1 sem adjuntos adverbiais (E) / com os adjuntos adverbiais	31
Figura 2 – Texto 2 sem adjuntos adverbiais (E) / com os adjuntos adverbiais	32
Figura 3 – Posição dos adjuntos adverbiais.....	38
Figura 4 – Deslocamentos da posição final para os adjuntos adverbiais	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 LINGUÍSTICA TEXTUAL E O TEXTO.....	111
1.1 O texto e sua textualidade.....	Error! Bookmark not defined.3
1.2 A coesão textual.....	17
2 O ADJUNTO ADVERBIAL NA GRAMÁTICA	222
2.1 Do advérbio ao adjunto adverbial.....	304
3 O ADJUNTO ADVERBIAL NO TEXTO.....	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.1
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	402
REFERÊNCIAS.....	455

INTRODUÇÃO

Por meio de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, os estudos linguísticos tiveram um forte crescimento e reconhecimento após a publicação do livro *Curso de Linguística Geral* (1916). Nesse sentido, Saussure rompe com a tradição metodológica-histórica, surgindo, posteriormente, as principais correntes teóricas vinculadas à área da Linguística, em que se visa investigar os fenômenos da língua: o Estruturalismo, o Funcionalismo e o Gerativismo (MURAD, 2011, p. 1). Os frutos dessas linhas teóricas revolucionaram o estudo da língua e estão presentes no ensino de línguas na atualidade. A partir do legado do Gerativismo, principiado por Chomsky em 1957, passa-se a descrever as estruturas existentes na língua, surgindo, assim, uma gramática descritiva.

Posteriormente, em meados da década de 60, surge a virada pragmática, da qual se desenvolve algumas linhas teóricas, em que, neste estudo, se destaca a Linguística Textual (LT), que deixa de lado o estudo analítico da frase e passa a se dedicar ao texto. Estes estudos vão desde a definição do que seria esta linha teórica, passando por critérios que definem o que é um texto até questões mais estruturais do texto, ou seja, como as frases, os parágrafos, as seções ou os capítulos se articulam, surgindo daí uma linguística do texto e que se relaciona com a Semântica e a Pragmática.

Em relação às questões pedagógicas, esta linha teórica buscou inicialmente aprofundar seus estudos em áreas que a análise sintática não se propôs a desenvolver, direcionando, então, seus estudos para o texto. É de conhecimento comum que a produção textual é um grande problema na maioria das escolas brasileiras, e que muitos alunos saem do Ensino Médio sem conseguirem escrever um texto coeso, coerente e adequado a seus objetivos, em que suas partes se articulem como um todo.

Isso se dá pelo alto enfoque na disciplina de Português nas escolas ao estudo estruturalista da língua e das nomenclaturas, que, por sua vez, não produz os resultados esperados. Dentre os problemas que se pode apontar na produção textual dos alunos, pode-se dizer que, atualmente, a falta de coesão textual aparece como um dos mais graves, já que ela interfere diretamente na coerência e na objetividade do texto. Apesar de encontrarmos uma vasta literatura que discorre

sobre a análise sintática e sobre os estudos do texto, esse problema está longe de ser superado.

Com o ensino analítico da oração é possível que o aluno aprenda sobre suas particularidades e que se aprofunde no entendimento e no funcionamento de seus elementos. Porém, é possível afirmar que só a análise sintática não basta para que os alunos produzam/escrevam seus textos, pois, “num texto, tudo está relacionado; um enunciado está subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais” (FAVERO, 1995, p. 35). Sendo assim, uma das possíveis aplicações da LT é auxiliar professores e alunos na compreensão e produção textual.

Assim, a LT se propõe a investigar os mecanismos de recepção e de produção textual, em que podemos destacar a coesão textual, pois ela se propõe a estudar elementos que fazem a articulação entre as frases, no sentido de situar o leitor e fazer um movimento de progressão e retomada de elementos, conectando frases, parágrafos, tópicos ou capítulos, formando a tessitura do texto, também denominada de coesão sequencial.

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes do texto, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 1989, p. 49).

Dentre os elementos que favorecem a coesão textual, possibilitando a progressão, retomada e inserção de referentes no texto, merecem destaque os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos, as conjunções, alguns tempos verbais (com ou sem elipse), locuções conjuntivas, prepositivas e adverbiais.

Um elemento sintático pouco estudado pelos linguistas de texto que se propõem a desvendar a articulação que há entre as partes do texto, e que é a fonte de pesquisa deste trabalho, é o adjunto adverbial. Dessa forma, a análise do adjunto adverbial como fonte de coesão textual vem para agregar a outros estudos da LT que buscam auxiliar leitores, professores e alunos no entendimento da articulação textual e na melhora da produção textual.

O que se pode perceber, a partir da revisão bibliográfica, é que há uma vasta literatura discutindo sobre a coesão textual. Porém, no que diz respeito ao adjunto adverbial como fonte de coesão textual, não foi encontrado um estudo aprofundado

que dê conta do poder de coesão desse elemento sintático que situa o leitor e realiza a progressão e retomada de elementos no texto e, dessa forma, auxilia na coerência do texto. Há apenas menções relacionadas às orações adverbiais, como por exemplo Cereja e Magalhães:

As orações adverbiais estabelecem relações lógicas e *coesivas* importantes na construção do sentido do texto. Servem para inserir noções de tempo, finalidade, condição, concessão, ou, ainda, para estabelecer comparação, concomitância ou relações de causa e consequência entre dois fatos (2009, p. 306),

A partir dessas reflexões, este Trabalho de Conclusão de Curso objetiva analisar o funcionamento do adjunto adverbial na constituição frasal, refletindo sobre sua função coesiva no texto, de modo a auxiliar na tessitura e na coerência textual. Deste modo, busca-se provar que o adjunto adverbial pode auxiliar na coesão textual, ajudando na tessitura e compreensão do texto.

Visto os objetivos propostos, elegeu-se, como corpus de análise, dois textos, publicados na revista *Veja* e disponíveis *on-line*. Os critérios para escolha dos textos não levaram em consideração questões como tema ou público alvo. Apenas buscou-se o gênero notícia por ser um gênero textual de grande circulação, seja na forma oral ou escrita, para que houvesse a impessoalidade em relação ao corpus de análise.

A escolha do corpus possibilitou desenvolver um estudo que parte da análise gramatical para a análise textual e que direciona uma classe gramatical para a função sintática na oração, e, com isso, ser possível verificar que o adjunto adverbial é um elemento de coesão textual. Para isso, os pressupostos da Linguística Textual são essenciais para o andamento desta pesquisa, como pode ser visto no decorrer do trabalho.

1 LINGÜÍSTICA TEXTUAL E O TEXTO

A Linguística Textual é uma teoria surgida na Europa na década de 1960. No Brasil, teve seus primeiros estudos no final da década de 70. De acordo com Koch (1999), referência nesta linha teórica no Brasil, esses estudos tiveram como inspiração traduções como: “[...] *Semiótica Narrativa e Textual* (CHABROL et al., 1977) e *Lingüística e Teoria do Texto* (SCHMIDT, 1978), bem como a publicação, em Portugal, do livro *Pragmática Lingüística e o Ensino do Português* (FONSECA & FONSECA, 1977)” (p. 167) [grifos da autora]. Nesses textos, segundo a autora, acredita-se na aplicação das teorias da Pragmática Linguística no aprendizado da língua materna, tendo como consequência a abordagem textual, do mesmo modo que sucedia em países europeus. Segundo Koch, a LT

Toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade base da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto (2010, p. 11).

Marcuschi acrescenta a essa noção de comunicação humana que ela não ocorre por meio de “[...] unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos” (2008, p. 71). Por isso, somente o estudo analítico das frases, que foi e ainda é muito utilizado no estudo e ensino de línguas, não dá conta do desenvolvimento, por parte dos alunos, da compreensão e da produção textual.

Sendo assim, a LT surge para auxiliar na produção textual e se apresenta como uma teoria que se dedica ao estudo do texto, como dito anteriormente, que é a base da comunicação humana. Marcuschi propõe, ainda que de forma provisória e genérica, que a Linguística Textual deve ser vista como a análise dos elementos linguísticos e cognitivos que são reguladores e controladores “da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos e orais” (2012, p. 33).

Marcuschi aponta que a LT, na atualidade, “trata tanto da produção como da compreensão de textos escritos e orais. Inicialmente, só se ocupava de textos escritos e com o processo de produção” (2008, p. 73). Esta afirmação nos leva a perceber que a LT ampliou seu campo de estudo desde sua origem, visto que hoje

ela propõe elementos que ajudam na produção e no processamento de textos, independentemente de sua forma ou conteúdo.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que a LT é uma teoria que investiga o funcionamento do texto nos mais detalhados recursos disponíveis no universo linguístico, se propondo a desempenhar um papel de veiculador de pressupostos teóricos capazes de desenvolver o olhar do escritor para os elementos transfrásticos (além da frase).

Portanto, o objeto de investigação dessa linha teórica é o texto e suas peculiaridades. De acordo com Ingedore Koch (2007, p. 25), o conceito de texto pode variar conforme a perspectiva teórica, e mesmo dentro da Linguística Textual seu conceito pode mudar dependendo do autor. Segundo a autora, inicialmente, o texto era visto como “uma unidade linguística [...] superior à frase; sucessão ou combinações de frases [...]” (p. 25), (daí surgindo a denominação de uma linguística transfrástica). Atualmente, a produção textual pode ser conceituada como

uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (KOCH, 2007, p. 27).

No mesmo sentido, Koch e Travaglia definem o texto como

Uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão (KOCH; TRAVAGLIA, 1996, p. 8-9).

Sendo assim, o texto é um ato verbal; é a língua posta em funcionamento, e se realiza nas interações humanas e nas mais diversas práticas socioculturais, levando em consideração elementos semânticos e pragmáticos, tanto na fala quanto na escrita.

A partir das definições de texto expressas acima, apresenta-se uma das características do texto que é fundamental em seu estudo: sua extensão. Para a Linguística Textual, assim como se considera uma tese, uma monografia, um artigo científico, um diálogo, etc. como um texto, a letra “H” ou “M” gravadas em uma porta

dentro de um restaurante também são consideradas textos, pois representam o banheiro masculino e feminino, respectivamente, visto que são unidades linguísticas concretas, se inserem em um contexto de interação comunicativa específica e são reconhecidas e codificadas pelos falantes da língua. Para Marcuschi, “a extensão física não interfere na noção de texto em si. O que faz um texto ser um texto é a discursividade, inteligibilidade e articulação que ele põe em andamento” (2008, p. 89).

Outra característica importante no desenvolvimento das análises textuais, segundo Castro e Leffa (2008, p. 168), é que o texto, em sua tradição, está dividido em dois planos dicotômicos: forma e conteúdo, opondo-se um ao outro e ao mesmo tempo se completando, sendo que um conceito não existe sem o outro. Forma e conteúdo se apresentam dispostos em um suporte, que pode ser inserido de forma manual, digital, entre outros. Junto ao suporte, o texto transcende suas interpretações, porém, fora do seu contexto de aplicabilidade, perde sua finalidade original, transformando-se em apenas um objeto físico. Em outras palavras, o texto é uma relação entre o suporte e os elementos linguísticos, ao ponto que o primeiro é fundamental para a existência do segundo, seja em sua forma virtual (em suas amplitudes) ou física (em sua base). Neste sentido, a relação entre texto e suporte é de interdependência.

Por meio das conceituações do que é um texto para a Linguística Textual, é possível dizer que a definição de texto foi se transformando desde o surgimento dessa linha teórica. O mesmo ocorreu com o conceito de língua no decorrer dos estudos linguísticos, já que o texto é a língua em ação. É possível afirmar que o conceito de texto está totalmente relacionado ao conceito de língua. Sendo assim, neste estudo, língua e texto são vistos como heterogêneos e susceptíveis à interação humana, ao cotidiano e a elementos cognitivos e culturais dos indivíduos.

Após trazer algumas breves conceituações do que é um texto para a LT, falta discorrer sobre o que faz dele um texto.

1.1 O texto e sua textualidade

Segundo Koch (2010, p. 11), o conceito de texto vai além da união de suas frases ou palavras; e o que os diferencia não são questões quantitativas, mas de cunho qualitativo. Por isso, passa-se a investigar os elementos ou fatores pelos

quais se configura um texto, visto que somente a união de frases bem formadas não é garantia da constituição do texto.

Marcuschi (2008) postula que, de acordo com pressupostos habituais da linguística de texto, pode-se dizer que um texto, como processo comunicativo, precisa subordinar-se a alguns critérios de textualização, visto que um texto não é uma sequência de frases sem ordenações lógicas. Koch (2010, p. 08) e Marcuschi (2008, p. 99-133) citam os autores Beaugrande e Dressler (1981), que discorrem sobre os sete fatores de textualidade responsáveis pela boa formação do texto, os cinco primeiros com foco nos usuários e os demais com foco no texto. São eles: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, coesão e a coerência. Porém, Marcuschi ressalta que é equivocado dizer que esses fatores de textualidade garantam a boa construção textual,

Primeiro, porque não se podem dividir os aspectos da textualidade de forma tão estanque e categórica. Alguns dos critérios são redundantes e se recobrem. Segundo, porque tal como já foi lembrado, não se deve concentrar a visão de texto na primazia do código nem na primazia da forma. Terceiro, porque não se pode ver nesses critérios algo assim como princípios de boa formação textual, pois isto seria equivocado, já que um texto não se pauta pela boa formação tal como a frase, por exemplo (2008, p. 93-4).

Estes fatores de textualidade vêm para contribuir para a análise textual e aumentam o campo de pesquisa da LT, pois, a partir deles, é possível fazer uma análise aprofundada das particularidades do texto, já que eles abarcam a produção, o processamento e a articulação do texto. Nessa perspectiva, apresenta-se abaixo os fatores de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), conforme apresentados por Marcuschi (2008).

A intencionalidade trata das intenções explícitas e implícitas contidas no texto. Vale lembrar que a intencionalidade esteve/está presente nas interpretações textuais, pois quem não se lembra da famosa pergunta das aulas de português: o que é que o autor quis dizer no texto? De acordo com Marcuschi, este critério está situado em quem produz determinado texto, e intencionalidade e aceitabilidade andam juntas, já que

A intencionalidade diz respeito ao que os produtores de texto pretendiam, tinham em mente ou queriam que eu fizesse com aquilo. Já a aceitabilidade diz respeito a como eu reajo e como eu aceito, considero ou me engajo nas intenções pretendidas (2008, p. 126).

Sendo assim, um texto só é considerado ou aceito como tal se o interlocutor entender a informação que lhe foi transmitida. Neste sentido, e de acordo com as palavras de Marcuschi (2008, p. 127-8), pode-se dizer que a aceitabilidade “é um critério centrado no alocutário” (no interlocutor), o qual “recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo”. Esse critério é um dos principais requisitos para a comunicação humana, pois quem recebe o ato comunicativo sempre tenderá a decodificar a informação, fazendo o possível para entendê-la.

A situacionalidade se refere ao contexto de produção do texto, em que ele foi produzido ou está inserido, ou seja, em qual contexto sociocultural e histórico ele está situado. Segundo Marcuschi (2008, p. 129), “a situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual”.

Sem situacionalidade e inserção, não há como interpretar o texto. Parafraçando Kant, diria [...] que a língua sem contexto é vazia e o contexto sem a língua é cego. [...] Assim, chegamos às relações ditas contextuais. Estas relações se estabelecem entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social histórica ou cognitiva (o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos). Não se pode produzir nem entender um texto considerando apenas a linguagem (MARCUSCHI, 2008, p. 87) [grifo do autor].

De acordo com Koch (2004, p. 41), a informatividade “diz respeito, por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro lado, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada”.

Para Marcuschi,

A informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio. (MARCUSCHI, 2008, p. 132).

Um texto por si tem como característica transmitir informações, podendo ter um grau de informatividade menor, quando transmite informações já esperadas, e um mais elevado, quando traz algo inusitado. Esse processo de transmissão de informação é predeterminado pelo produtor do texto, consciente ou inconscientemente, cabendo ao receptor considerá-lo de menor ou maior grau de

informatividade. Para compreender o conceito de informatividade, tem-se que ter em mente que informação e informatividade são coisas distintas.

Outro elemento de textualidade é a intertextualidade. Para falar desse quesito, traz-se o conceito de formação discursiva da Análise do Discurso de Linha Francesa, segundo o qual todo o conhecimento linguístico de um indivíduo é constituído a partir do contato linguístico com outros textos, sejam orais ou escritos. Desse modo, todo texto é constituído de outros textos.

Após discorrer sobre os primeiros cinco critérios de textualidade, “centrados nos usuários” (KOCH, 2010, p. 8), resta-nos falar sobre a coerência e a coesão, “centrados no texto” (KOCH, 2010, p. 8), que são os principais fatores estudados ultimamente pelos linguistas do texto. Para Koch (2007, p. 52), a coerência está relacionada ao “[...] modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a construir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentido”.

Para que ocorra a coerência textual, locutor e interlocutor devem pertencer ao mesmo código linguístico em um ato de interpretação. Cabe ressaltar que o processo de entendimento do texto passa pelo poder de significação do interlocutor, tornando, assim, a avaliação do que é coerente um ponto subjetivo, dependente do conhecimento (linguístico e extralinguístico) de cada indivíduo e da aceitação dos posicionamentos propostos no texto. Em outras palavras, o texto pode ser aceito ou não. O que é aceitável para alguém pode não ser para outro, e o que agora não é admissível em outro momento pode se tornar compreensível.

A coerência, para Marcuschi (2012, p. 75), “é o nível da conexão conceitual e da estruturação do sentido, manifestando-se, em grande parte, macrotextualmente”, sentido esse que necessita sustentar sua progressão, ou então não haverá compreensão do texto. Essa progressão, frequentemente, é realizada pela coesão textual¹. Dessa forma, um fator muito importante para a coerência do texto é a coesão textual, que será apresentada a seguir.

Os seis elementos descritos acima apresentam características que envolvem processos cognitivos dos interlocutores/leitores e dependem inteiramente da

¹ O conceito de micro e macrotexto é essencial quando se fala em elementos de coesão textual. Os microtextos (orações de período simples, imagens, entre outros) não expressam tais elementos. Sendo assim, eles só são encontrados nos macrotextos (orações de período composto, parágrafos, sucessões de períodos, que podem ou não formar um parágrafo; sucessões de parágrafos, que podem formar um capítulo ou uma de suas seções; sucessões de capítulos e suas subdivisões, textos orais, entre outros). Sendo assim, sempre que se fala em coesão textual, está se referindo aos macrotextos.

decodificação e interpretação da informação pelos envolvidos para que obtenham as informações do texto. Não se pode negar que a coesão textual envolve também processos semânticos e pragmáticos, porém, como poderá ser confirmado adiante, esse fator de textualidade é essencialmente de cunho estrutural.

De acordo com Koch (2009a), habituou-se a chamar de coesão o modo como os dados linguísticos contidos no texto se unem, por intermédio de recursos presentes no campo linguístico, tornando, dessa forma, o texto “superior à frase”. A coesão proporciona um movimento de ida e vinda, empregando recursos linguísticos para dar progressão, quando se insere um referente (**João** andava meio preocupado.) ou quando se retoma um referente já introduzido anteriormente no texto (**Ele** tinha medo de não conseguir pagar as contas.), auxiliando, desse modo, na coerência textual. Koch diz ainda que para a Linguística Textual esse movimento é chamado de coesão referencial, dividindo-se em anáfora, quando se remete a elementos anteriores, e catáfora, quando dá progressão ao texto.

1.2 A coesão textual

Koch (2010, p. 16-7) destaca que a obra *Cohesion in English* (1976), de Halliday e Hasan, é a base para os estudos desenvolvidos sobre a coesão textual. De acordo com a autora, Halliday e Hasan defendem que a coesão ocorre quando um elemento presente no texto se apresenta dependente de outro, sendo que é efetivamente decodificado a partir de sua relação com o outro, e citam, como principais fatores de coesão:

referência (pessoal, demonstrativa, comparativa); substituição (nominal, verbal, frasal); elipse (nominal, verbal, frasal); conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa); coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação) (KOCH, 2010, p. 18-9).

Segundo Koch, a referência pessoal é realizada pelos pronomes pessoais e demonstrativos; os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar são responsáveis pela referência demonstrativa; “e a comparativa é efetuada por via indireta, por meio de identidades e similaridades” (2010, p. 19-2). Já a substituição ocorre com a redefinição do referente expresso anteriormente. “A elipse seria, então, uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou

todo um enunciado, facilmente recuperados pelo contexto” (KOCH, 2010, p. 21) [grifo da autora].

A conjunção (ou conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas especificamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito. Trata-se de diversos tipos de conectores e partículas de ligação como e, mas, depois, assim etc. Halliday e Hasan apresentam, como principais tipos de conjunção, a aditiva, a adversativa, a causal, a temporal, e a continuativa (KOCH, 2010, p. 21) [grifos da autora].

A coesão lexical, de acordo com a pesquisadora, é obtida pela reiteração e pela colocação de mecanismos de coesão. Na reiteração, é feita a repetição do mesmo item lexical ou por meio de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos; e, na colocação, são utilizados “termos pertencentes ao mesmo campo significativo” (KOCH, 2010, p. 22).

Para Beaugrande e Drassler (1981, apud Koch, 2010, p. 16), a coesão textual “concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical”. Dessa forma, a coesão é expressa por elementos textuais presentes no texto, quase que sempre necessários para a boa formação do texto, pois auxiliam na coerência textual. Koch acrescenta “que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (2010, p. 18).

Segundo Koch (2010, p. 18-9), o processo de referência ou referenciação (pessoal, demonstrativa ou comparativa) é tido como elementos da língua que dependem de outros para serem interpretados semanticamente, em que o primeiro elemento é denominado de pressuponente e o outro de pressuposto. Voltando a citar Halliday e Hasan (1976), Koch diz que a coesão referencial “pode ser situacional (exofórica) e textual (endofórica)” (2010, p. 19).

Nos estudos sobre coesão, é muito comum que se atenha aos elementos endofóricos, visto que eles fazem parte da estruturação do texto e são mais fáceis de serem coletados, pois estão presentes na estrutura do texto. Já os elementos exofóricos, como dito anteriormente, são elementos que estão presentes fora do

texto, sendo necessário, mesmo que inconscientemente, que os leitores/receptores dos textos os infiram.

Segundo Koch, o processo de referenciação pode ocorrer por elementos gramaticais, sendo denominado pela linguística de pronominalização (anáfora ou catáfora). Essa pronominalização “de elementos co-textuais, possui, principalmente em se tratando de fala, características próprias, isto é, pode ocorrer sem um referente co-textual explícito” (2009b, p. 67). Na língua portuguesa, é comum que o referente não esteja explícito no texto; daí, é necessário que o leitor seja capaz de identificá-lo durante o processo de leitura, para que ocorra um bom entendimento do texto. Em sua pesquisa, Koch (2009b, p. 36) discorre que,

Entre os recursos capazes de criar a coesão referencial, foram descritos elementos de ordem gramatical, como os pronomes de terceira pessoa (retos e oblíquos), os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os numerais, o artigo definido e alguns advérbios locativos, como lá, aí, ali. Importante é ressaltar [...] que eles nem sempre atuam coesivamente [...].

Koch (2010, p. 31) define a coesão referencial como os componentes presentes no texto que fazem “remissão a outro(s) elemento(s)” nele “presentes ou inferíveis a partir do universo textual”. O primeiro denomina-se de “forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual”. [grifos da autora]. Esse processo referencial ou referenciação, para a autora, pode ser desenvolvido em dois sentidos: um que retoma um elemento já citado anteriormente (anáfora) e outro que dá sequência ao texto (catáfora).

Além da coesão referencial, Koch enfatiza, em seu estudo, outra categoria de elementos do texto que desenvolvem a progressão do texto, denominado coesão sequencial².

A coesão seqüencial diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 2010, p. 53).

De acordo com Koch (2010, p. 54-59), a coesão sequencial é dividida em sequenciação parafrástica e sequenciação frástica. A primeira ocorre quando se

² Neste estudo, não se desenvolverá, de forma aprofundada, o conceito de coesão sequencial, mas é possível encontrar mais detalhes em Koch (2010, p. 53-78).

utiliza, para que o texto progrida, a recorrência de termos da oração, estruturas sintáticas, conteúdos semânticos (paráfrase), entre outras. A segunda se expressa por meio de “sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas linguísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação” (p. 60). Essas marcas linguísticas, segundo a linguista, podem ocorrer ou quando há a progressão temática: o tema principal segue em destaque à medida que o texto se desenvolve, seja explicitamente ou por inferência no contexto; ou por encadeamento: quando “estabelece relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto”, podendo ser classificado por justaposição ou por conexão (KOCH, 2010, p. 63- 64).

O encadeamento por justaposição, de acordo com as palavras de Koch, estabelece a sequenciação do texto, introduzindo um tema ou a mudança de assunto; situando o leitor/ouvinte em relação ao espaço, tempo; indicando a ordenação em que os fatos ocorrem no texto (KOCH, 2010, p. 68 ss.). Veja-se a lista a seguir:

- (1) À direita, à esquerda, atrás, primeiramente, na sequência, após o ocorrido, voltando ao assunto, já que falamos nisso, na frente, a propósito, daqui a duas horas, no ano que vem, naquela esquina, a seguir, abaixo, posteriormente, provavelmente, em suma, resumindo, já, etc.

Já o encadeamento por conexão ocorre por meio de “conectores interfrásticos, responsáveis pelo tipo de encadeamento a que se tem denominado conexão ou junção” (KOCH, 2010, p. 68) [grifos da autora]. Abaixo, apresenta-se uma lista de alguns elementos de conexão:

- (2) Então, ou então, ou, por isso, mesmo, e, também, inclusive, ainda, caso contrário, nem, não só, que, antes que..., depois de..., já que, pois, assim, no entanto, com isso, mas, porém, todavia, dessa forma, no entanto, como visto, assim que..., enquanto... etc.

Em suma, tanto o encadeamento por justaposição quanto o por conexão fazem a articulação entre partes do texto, desenvolvendo, assim, relações semânticas entre os enunciados. Esses elementos, em grande maioria, estão situados em pontos bem específicos do texto, fazendo a junção entre frases,

períodos, parágrafos, etc., podendo aparecer na amarração entre períodos, orações, parágrafos ou em início de frases, orações, parágrafos, entre outros. Esses elementos se apresentam por meio dos advérbios, adjuntos adverbiais, conjunções ou formas expressivas que exercem funções semelhantes.

Ademais desses elementos, a autora apresenta algumas estruturas que semanticamente se equivalem à conjunção, pois, como dito acima, permitem “estabelecer relações específicas entre elementos ou orações do texto” (KOCH, 2010, p. 21):

- (3)³
- a. Uma grande paz seguiu-se ao violento tumulto.
 - b. **Após o violento tumulto**, houve uma grande paz.
 - c. Houve um violento tumulto: **Depois**, seguiu-se uma grande paz.
 - d. Houve um violento tumulto: **Logo após**, seguiu-se uma grande paz.
 - e. **Depois que terminou o violento tumulto**, houve uma grande paz.
 - f. Houve uma grande paz, **depois de haver terminado o violento tumulto**.

Essas estruturas citadas pela linguista são classificadas sintaticamente como adjuntos adverbiais. Há um consenso entre os linguistas de texto de que algumas classes gramaticais se apresentam no texto como elementos de coesão textual. No entanto, não foi encontrado nenhum autor que trabalhe com a noção de função gramatical como elemento de coesão. Sendo assim, esta pesquisa acrescenta no campo de estudos da LT o adjunto adverbial como mais um elemento de coesão textual.

³ Exemplo (12) de Koch (2010, p. 21-2).

2 O ADJUNTO ADVERBIAL NA GRAMÁTICA

De acordo com Alpheu Tersariol (1971, p. 38), a língua portuguesa é originária do latim vulgar falado na Península Ibérica pela população que não se preocupava com questões estilísticas da fala e da escrita; sofreu influências do árabe, formando um dialeto denominado de galaico-português, falado na Galiza e no Condado Portugalense, que obteve sua independência política em 1143. Com isso, “[...] o português, separou-se do galego, constituindo-se em língua nacional” [grifos do autor]. Nessa época, falava-se o português arcaico que, evoluindo, chegou ao português falado atualmente.

É de conhecimento comum de estudiosos da língua portuguesa que ela tem, como característica principal ou mais comum, na atualidade, uma organização gramatical que se expressa na seguinte ordem, denominada de ordem direta: sujeito, verbo e complementos, sejam verbais, nominais, verbo-nominais ou predicativos. Essa estrutura é muito comum de se encontrar nas aulas de português quando os professores vão ensinar a análise sintática:

- (4) José chutou a bola
 Sujeito Verbo Complemento

Esta estrutura pode ser encontrada, também, no português arcaico, como ilustra o exemplo abaixo, das *Crônicas de D. Fernando*:

- (5) El-Rei Don Fernando era muy quereçoçoso de caça⁴
 Sujeito Verbo Predicativo

Porém, a ordenação dos termos na língua portuguesa nem sempre foi assim. Tersariol (1971, p. 172) afirma que, no português arcaico, o verbo era sempre utilizado no final da frase, como mostra o seguinte exemplo:

- (6) Antre os senhores que com el-Rei de Castella **vinham**...

Segundo o autor, também eram comuns as ordens verbo–sujeito–complementos; verbo–complementos–sujeito (p. 173).

⁴ Exemplo retirado de Tersariol (1971, p. 243).

Pode-se afirmar que, nos dias atuais, fixar uma estrutura rígida para a ordem de palavras do português é algo delicado, visto que o falante utiliza de um jogo de articulações das classes gramaticais para se expressar:

- (7) a. Caiu a bola no buraco.
 b. No buraco, caiu a bola.
 c. A bola caiu no buraco.
 d. No buraco, a bola caiu.

Como visto, as estruturas acima são totalmente possíveis. Isso se dá porque o verbo cair é um verbo intransitivo, ou seja, não pede um complemento; o sintagma “no buraco” é um adjunto adverbial.

Agora, vêm-se os exemplos abaixo:

- (8) a. O José chutou a bola.
 b. *A bola chutou o José.
 c. Chutou o José a bola.
 d. A bola, o José chutou.

Com um verbo transitivo, nem todas as estruturas acima são possíveis, pois a ordem complemento – verbo – sujeito (8b), apresentada acima, é impossível que faça parte da língua portuguesa, pois interpretamos que “a bola” é o agente. Já ordem verbo – sujeito – complemento (8c) pode ser possível, mas dependerá da entonação ou do contexto.

De acordo com as palavras de Cunha e Cintra (2008, p. 176), na língua portuguesa e nas outras línguas românicas há a predominância, na oração, da ordem direta, ocorrendo com mais frequência em orações enunciativas ou declarativas: sujeito – verbo – objeto direto – objeto indireto, ou sujeito – verbo – predicativo. Essa preferência pela ordem direta não preenche todas as possibilidades que o português apresenta como estrutura. Como pôde ser percebido acima, a ordem inversa está presente na estrutura da língua portuguesa. No entanto, se for considerada a ordem direta da oração, pode-se agregar ainda, como um termo acessório, a seguinte estrutura:

(9) Sujeito – Verbo – Complementos – Adjunto adverbial

Então, percebe-se que o adjunto adverbial, na ordem direta, se coloca em geral após o complemento verbal, caso este necessite de complemento, posicionando-se ao final da oração.

Direcionando esta reflexão para o estudo do adjunto adverbial como fonte de coesão textual, sente-se necessário discorrer um pouco sobre os advérbios para, posteriormente, centrar as atenções no adjunto adverbial, já que se passará de uma classe gramatical para sua função sintática.

2.1 Do advérbio ao adjunto adverbial

O advérbio é uma palavra invariável, ou seja, não há mudança em sua forma, em relação a número e gênero (CUNHA; CINTRA, 2008; NEVES, 2000; CEREJA; MAGALHÃES, 2009). Ele modifica e se relaciona com um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, descrição esta feita por gramáticas normativas. No entanto, em se tratando de uso real da língua na variedade do português brasileiro, essa regra apresenta algumas poucas exceções. De acordo com Neves (2000, p. 233), há casos isolados de advérbios que se flexionam, vistos como erro pela gramática normativa, aparecendo em destaque no início ou final da oração:

- (10)⁵ a. é que ela ta **meia** doente, já não tem vontade.
b. O povo esquece **loguinho**.

Para Cunha e Cintra, o advérbio tem como característica principal ser um modificador do verbo, mas os advérbios de intensidade e formas correspondentes podem se relacionar com adjetivos (11a), com outro advérbio (11b), e mesmo modificar toda uma oração⁶ (11c):

- (11)⁷ a. Ficara **completamente imóvel**.
b. – Mas passei mal! **bem mal!**

⁵ Exemplos de Neves (2000, p. 234).

⁶ Perini (2010, p. 320) chama esses últimos de advérbios de sentença.

⁷ Exemplos de Cunha e Cintra (2008, p. 555-6).

c. **Provavelmente**, não haverá ceia este ano.

Perini prefere tratar os advérbios pelo termo adverbiais, pois, segundo o gramático, o que há “aí não é uma classe de palavras, mas várias classes diferenciadas” (2010, p. 317). No entanto, nesse estudo, prefere-se tratá-lo com a nomenclatura de advérbio.

É de conhecimento comum entre gramáticos e linguistas de que os principais advérbios são classificados em advérbios de: lugar, modo, intensidade, tempo, negação, afirmação e dúvida. No entanto, a lista completa se estende a um número inexato⁸.

Os advérbios se expressam nas seguintes formas: advérbios simples (aqui, ontem, provavelmente, etc.); e locuções adverbiais (na esquina, de novo, por acaso, etc.). De acordo com Neves (2000, p. 232-3), as locuções adverbiais são formadas principalmente por sintagmas preposicionados, mas também podem ser compostas por sintagmas nominais (algumas vezes, via de regra) e pelas formas verbais haver/fazer seguidas de substantivo quantificado (faz alguns meses, fazia muito tempo, há dois anos).

Segundo Cunha e Cintra, “os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado, ou um outro advérbio colocam-se de regra antes destes” (2008, p. 559) [grifos dos autores]:

- (12) a. Levei um susto **muito forte**.
 b. **Bem cansada**, Maria chegou da escola.
 c. Cantar é **muito bom**.

Os autores acrescentam que os advérbios de tempo e lugar aparecem antes ou após o verbo; o de negação⁹ sempre antecederá o verbo; quando há a repetição de advérbios terminados em “mente”, modificando a mesma palavra e em uma mesma oração, há a possibilidade de colocar o sufixo apenas na última palavra,

⁸ É muito comum também que as gramáticas apresentem de forma breve a classificação dos advérbios como uma classe invariável que modifica o sentido do verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio, fazendo apenas sua classificação. No entanto, a *Gramática dos usos do português*, da pesquisadora Neves (2000, p. 231-331) oferece um estudo aprofundado sobre o tema.

⁹ Embora a maioria das gramáticas trate o “não” como um advérbio, neste estudo, não se aterá a ele, pois o “não” é visto aqui como um operador semântico, seguindo Ilari e Geraldi (2000, p. 28-36).

salvo quando se tem a intenção de dar ênfase na circunstância (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 559-60).

A posição que os advérbios ocupam na frase corresponde a alguns paradigmas que se definem funcionalmente e que correspondem a várias propriedades de ordem sintática e semântica. Para cada paradigma há uma posição preferencial, mas outras posições disponíveis por 'deslocamento', que obedecem principalmente à necessidade de precisar o escopo do advérbio, que pode eventualmente ser explicado por razões de informatividade ou de interesse discursivo (ILARI et al., 2002 apud PEZATTI, 2014, p. 44-5).

Para Perini, a posição de um advérbio varia de acordo com sua função. Nos casos em que o adverbial tem uma relação mais estreita com o verbo (como um complemento circunstancial, por exemplo), em geral aparecem logo após o verbo, e, quando funcionam como adjunto, "seu posicionamento é muito mais livre" (2010, p. 318).

É importante ter em mente que advérbio se refere à classe gramatical (classe de palavra) enquanto adjunto adverbial se refere à função sintática desempenhada na oração. Como dito anteriormente, é bem comum que estudiosos da LT tratem a coesão textual a partir de elementos gramaticais, mas se restringem apenas às classes de palavras. Sendo assim, o adjunto adverbial (função sintática) vem para agregar um elemento de coesão pouco pesquisado aos estudos do texto.

De acordo com Cunha e Cintra, o "adjunto adverbial é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio" (2008, p. 147).

Os termos da oração são classificados em essenciais, integrantes ou acessórios. De acordo com Perini, eles podem ser definidos tradicionalmente, como segue:

Os "essenciais" teriam que estar presentes em qualquer oração; os "integrantes" seriam, em certos casos, "exigidos" por algum outro elemento da oração; e os "acessórios" não seriam em nada importantes para o sentido da oração (como se vê, a definição tende a ser em parte semântica) (2009, p. 120).

Essa definição de termo acessório está em acordo com Cunha e Cintra, em que são descritos por "termos que se juntam a um nome ou a um verbo para

precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação” (2008, p. 145) [grifo dos autores]. Há uma má interpretação com respeito à palavra “acessório”. À primeira vista, esse termo denota o sentido de dispensável, de algo que não fará falta. No entanto, não é bem isso que se deve compreender a partir dessa definição. O termo é acessório no sentido de que, se for retirado da oração, ela continuará com sua idéia central conservada e sua boa formação intacta¹⁰, contendo, assim, os termos essenciais e integrantes preservados.

Segundo Cunha e Cintra, “é difícil enumerar todos os tipos de adjuntos adverbiais. Muitas vezes, só em face de texto se pode propor uma classificação exata” (2008, p. 166) [grifo dos autores]. Neste sentido, elenca-se aqui uma lista que não contempla todas as suas classificações:

- (13) a. De causa: **por causa das drogas**, a violência tem aumentado.
 b. De lugar: encontrei uma aranha **no meu quarto**.
 c. De intensidade: as folhas ficaram **muito** verdes.
 d. De tempo: **hoje** não quero almoçar.
 e. De dúvida: **talvez** eu possa voltar mais tarde.
 f. De instrumento: **com a bolsa**, a mulher batia em seu namorado.
 g. De modo: **com tristeza**, a aluna recebeu a nota da prova.
 h. De meio: os jovens andam **a pé**.
 i. De companhia: Pedro jogava bola **com seus amigos**.
 j. De finalidade: Muitos se vendem **por dinheiro**.

Note-se ainda que a classificação dos adjuntos adverbiais é muito próxima à classificação dos advérbios mencionada acima.

O adjunto adverbial, assim como o advérbio, pode ser expresso por um advérbio e uma locução adverbial. No entanto, ainda se inclui nesta lista as orações subordinadas adverbiais:

- (14) a. João disse que, **quando chegasse a Porto Alegre**, iria me telefonar.

¹⁰ Isso pode ser percebido nos exemplos (7) e (8) apresentados anteriormente: “A bola caiu” segue sendo bem formada, enquanto “O José chutou”, ou “chutou a bola” só serão aceitáveis em contextos específicos.

- b. **Na hora de sair de casa**, o carro não ligou.
- c. **Sempre que saio com meus amigos**, nos divertimos muito.

Para Vitral (2017, p. 357), os adjuntos adverbiais são modificadores, podendo modificar uma oração, um sintagma adjetival, um sintagma adverbial ou um sintagma nominal. De acordo com o autor, quando modificam toda a oração, eles são bastante livres, podendo se apresentar no início ou final da oração ou entre o sujeito e o verbo¹¹:

- (15) a. **Ontem**, Joana fez carne moída com quiabo
Modificador Sujeito Verbo Objeto
- b. Joana fez carne moída com quiabo **ontem**
Sujeito Verbo Objeto Modificador
- c. Joana **ontem** fez carne moída com quiabo
Sujeito Modificador Verbo Objeto

Em relação aos modificadores de sintagma adjetival, ainda segundo o autor, eles geralmente precedem o núcleo do sintagma, ou seja, o adjetivo:

- (16) Ronaldo andava [**bastante** chateado com a gente]
Modificador Adjetivo Objeto

mas podem ocorrer depois do núcleo do sintagma, como se pode ver com o advérbio “demais”:

- (17) Silvana ficou [satisfeita **demais** com o presente]
Adjetivo Modificador Objeto

O pesquisador acrescenta que, quando modificam um advérbio, sempre irão preceder o núcleo do sintagma:

- (18) [**Muito** provavelmente], precisaremos de mais de um dia de serviço
Modificador Advérbio

¹¹ Exemplos (14) a (18) retirados de Vitral (2017, p. 357-8).

Já quando altera o sentido de um sintagma nominal, geralmente o adjunto adverbial aparecerá antes do determinante (18a), podendo também vir depois do nome (18b), ainda que o sentido não seja o mesmo:

- (19) a. [**Só** a Maria] não conseguiu atravessar a cerca de arame.
 b. [A Maria **apenas**] não conseguiu atravessar a cerca de arame.

A partir das palavras de Cunha e Cintra (2008, p. 560), o adjunto adverbial pode ser realçado quando há sua antecipação ao verbo¹²:

- (20) **No dia seguinte, pela manhã**, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.

Perini acrescenta que os adverbiais, ao funcionarem como adjuntos, geralmente aparecem em várias posições, mas “que nem sempre seu posicionamento é indiferente, porque pode afetar o seu **escopo**” (2010, p. 319) [grifos do autor], mudando o sentido da oração. Os exemplos a seguir¹³ ilustram isso:

- (21) a. Somente a professora passou a palavra ao visitante.
 b. A professora somente passou a palavra ao visitante.
 c. A professora passou somente a palavra ao visitante.
 d. A professora passou a palavra somente ao visitante”.

Por meio do que foi desenvolvido anteriormente, pode-se afirmar que tanto a descrição do advérbio (enquanto classe de palavras) como a do adjunto adverbial (enquanto função sintática) e o papel desenvolvido por ambos são semelhantes, assim como suas posições e mobilidade, sendo que não há uma regra geral para suas posições na oração. Isso se dá porque ambos se apresentam quase que com as mesmas formas, exceto as orações adverbiais. O que diferencia um do outro é, como dito anteriormente, o modo como são tratados, como classe de palavras ou função sintática.

¹² Exemplo de Cunha e Cintra (2008, p. 560).

¹³ Exemplos de Perini (2010, p. 319).

Em suma, o adjunto adverbial é um sintagma que desenvolve funções bem diversificadas na oração, podendo se expressar em variadas posições, dependendo de seu escopo e da ênfase que o autor do texto quer dar à sua função. Pensando na ordem direta da oração, os adjuntos adverbiais, por serem termos acessórios, têm o seu posicionamento ao final da oração, mas, como pode ser atestado anteriormente, a ordem direta não preenche todas as possibilidades que a língua dispõe para que o indivíduo se expresse. Sendo assim, dependendo da intenção do produtor do texto, quer seja intencionalmente quer não, haverá uma mobilidade, assim como o escopo do que está sendo modificado.

É muito comum que o adjunto adverbial seja analisado apenas como função gramatical, com suas classificações, relações semânticas e seu posicionamento na oração. No capítulo a seguir, mostra-se que os adjuntos adverbiais têm uma importante função também na construção do texto.

3 O ADJUNTO ADVERBIAL NO TEXTO

As figuras abaixo apresentam o corpus de análise em duas perspectivas distintas. No lado esquerdo (E), retiraram-se todos os adjuntos adverbiais do texto para que fosse possível observar a sua importância na construção/tessitura do texto. Dessa forma, pode-se dizer que há um indício de que os adjuntos adverbiais contidos no corpus, em sua grande maioria, atuam como elementos de coesão textual. Já no lado direito (D), está exposto o texto completo.

Figura 1 – Texto 1 sem adjuntos adverbiais (E) / com os adjuntos adverbiais (D)

	Texto modificado	Texto original
1	Expulsão de Kaká foi uma das maiores	Expulsão de Kaká foi uma das maiores
2	bizarrices do fim de semana	bizarrices do fim de semana
3		
4	Meia brasileiro do Orlando City recebeu cartão	Meia brasileiro do Orlando City recebeu cartão
5	vermelho e graças ao "auxílio" do árbitro de	vermelho por <u>brincadeira com ex-companheiro</u> – e
6	vídeo	graças ao "auxílio" do árbitro de vídeo
7		
8	A estreia de Neymar no	A estreia de Neymar no PSG, a rodada
9	PSG, a rodada quente do Campeonato	quente do Campeonato Brasileiro, e o controverso
10	Brasileiro, e o controverso clássico entre	clássico entre Barcelona e Real Madrid ganharam
11	Barcelona e Real Madrid ganharam as	as principais manchetes esportivas no último fim
12	principais manchetes esportivas. Veio dos	de semana. No entanto, veio dos Estados Unidos,
13	Estados Unidos, e com um astro brasileiro	e com um astro brasileiro envolvido, uma das
14	envolvido, uma das imagens mais	imagens mais impressionantes (e bizarras) dos
15	impressionantes (e bizarras) dos últimos dias.	últimos dias. Na noite de sábado, o Orlando City
16	O Orlando City foi derrotado pelo New York	foi derrotado pelo New York Red Bulls, pela Major
17	Red Bulls. Kaká foi expulso. Pior: graças à	League Soccer (MLS). Nos minutos finais, Kaká foi
18	decisão do árbitro de vídeo.	expulso por ter feito uma mera brincadeira com um
19	Houve uma rápida confusão entre	ex-companheiro. Pior: graças à decisão do árbitro
20	jogadores das duas equipes. Kaká apareceu	de vídeo.
21	e brincou com seu ex-companheiro de	Já nos acréscimos, houve uma rápida
22	Orlando, Aurélien Collin. Ambos riram juntos	confusão entre jogadores das duas equipes. Kaká
23	da brincadeira. O árbitro pediu ajuda do árbitro	apareceu no bolo para separar e brincou com seu
24	assistente de vídeo. Jorge Gonzalez deu	ex-companheiro de Orlando, Aurélien Collin,
25	cartão vermelho para Kaká, que não entendeu	colocando a mão em sua boca. Ambos riram
26	nada e deixou o campo.	juntos da brincadeira. Para entender tudo que
27		acontecia, o árbitro pediu ajuda do árbitro
28	O ex-jogador e analista Bobby	assistente de vídeo. Após aplicar cartões amarelos
29	Warshaw considerou a atitude do árbitro	aos dois jogadores que iniciaram o tumulto, Jorge
30	correta, pois ele "cumpru a regra à risca". A	Gonzalez deu cartão vermelho para Kaká, que não
31	MLS mantém ao brasileiro a suspensão	entendeu nada e deixou o campo rindo.
32	automática de uma partida. O próprio Collin,	No site da Major League Soccer, o ex-
33	do Red Bulls, retuitou o vídeo do ocorrido e	jogador e analista Bobby Warshaw considerou a
34	lamentou. "Vemos que ele está brincando, nós	atitude do árbitro correta, pois ele "cumpru a regra
35	somos irmãos."	à risca". Até o momento, a MLS mantém ao
36		brasileiro a suspensão automática de uma partida.
37		O próprio Collin, do Red Bulls, retuitou o vídeo do
38		ocorrido e lamentou. "Vemos que ele está
39		brincando, nós somos irmãos."
40		

Fonte: <http://veja.abril.com.br/placar/expulsao-de-kaka-foi-uma-das-maiores-bizarrices-do-fim-de-semana/>

Figura 2 – Texto 2 sem adjuntos adverbiais (E) / com os adjuntos adverbiais (D)

	Texto modificado	Texto original
47	Coreia do Norte: assassinatos e traições na	Coreia do Norte: assassinatos e traições na
48	família Kim	família Kim
49		
50	Kim Jong-un teria mandado matar o tio, a tia e	Desde que chegou ao poder no final de 2011, Kim
51	o irmão mais velho	Jong-un teria mandado matar o tio, a tia e o irmão
52		mais velho
53	Sangue é poder. A autoridade do	Na Coreia do Norte, sangue é poder. A
54	atual ditador do país, Kim Jong-un, vem de	autoridade do atual ditador do país, Kim Jong-un,
55	três fatores: o primeiro é que ele pertence à	vem de três fatores: o primeiro é que ele pertence
56	família que governa o país. O segundo é que	à família que governa o país há quase 70 anos. O
57	seu irmão mais velho caiu em desgraça. O	segundo é que seu irmão mais velho caiu em
58	terceiro é que ele está disposto a eliminar da	desgraça depois de uma tentativa fracassada de
59	face da terra qualquer pessoa que considere	visitar a Disney no Japão em 2001. O terceiro é
60	um ameaça.	que ele está disposto a eliminar da face da terra
61	As brigas e traições familiares	qualquer pessoa que considere um ameaça.
62	ocorrem. Há histórias de amantes, tentativas	Como se trata do país mais fechado do
63	de fuga, execuções e até parentes que	mundo, as brigas e traições familiares ocorrem
64	desapareceram da história.	dentro de uma elite dinástica protegida do
65	O meio-irmão de Un, KimJong-nam,	escrutínio público. Há histórias de amantes,
66	conseguiu fugir do país e acabou por se tornar	tentativas de fuga, execuções e até parentes que
67	uma voz dissidente do regime. As críticas	“casualmente” desapareceram da história.
68	vindas de alguém do mesmo sangue se	Depois da malsucedida viagem ao parque
69	tornaram intoleráveis e o final da história	de diversões, o meio-irmão de Un, KimJong-nam,
70	ocorreu.	conseguiu fugir do país com o filho e acabou por se
71	Kim-Jong-un ordenou o fuzilamento	tornar uma voz dissidente do regime. As críticas
72	do tio, Jang Song-thaek. Os laços de	vindas de alguém do mesmo sangue se tornaram
73	parentesco não só não o salvaram, como	intoleráveis e o final da história ocorreu em
74	acabaram por condenar toda a sua família.	fevereiro, com o assassinato de Nam no aeroporto
75	Policiais invadiram a casa de centenas de	de Kuala Lumpur, na Malásia, na fila do check-in
76	parentes dele e levaram todos embora. Até os	para um voo para Macau, um território chinês.
77	que habitavam cidades distantes da capital,	Em 2013, Kim-Jong-un ordenou o
78	Pyongyang, foram sequestrados. Um	fuzilamento do tio, Jang Song-thaek, até então o
79	dissidente do regime afirmou que ele havia	segundo homem mais poderoso do país. Os laços
80	envenenado a tia, Kim Kyong Hui.	de parentesco não só não o salvaram, como
81	O destino de todos foi o mesmo: os	acabaram por condenar toda a sua família. Um dia
82	infames campos de trabalhos forçados do	depois do assassinato de Jang, policiais invadiram
83	país. Mesmo parentes do pai de Jang foram	a casa de centenas de parentes dele e levaram
84	incluídos entre os banidos. A punição a	todos embora. Até os que habitavam cidades
85	familiares de condenados é uma prática	distantes da capital, Pyongyang, foram
86	comum e se estende até àqueles que	sequestrados. Dois anos depois, um dissidente do
87	nasceram.	regime afirmou que ele havia envenenado a
88	Jornais da Coreia do Sul acusaram	tia, Kim Kyong Hui.
89	Un de ter mandado matar a ex-namorada, a	O destino de todos foi o mesmo: os
90	cantora pop Hyon Song-wol. O regime	infames campos de trabalhos forçados do país.
91	divulgou um vídeo em que afirmava que Hyon	Mesmo parentes do pai de Jang foram incluídos
92	estava viva. A última vez que ela apareceu em	entre os banidos. A punição a familiares de
93	público foi em 2015.	condenados é uma prática comum na Coreia do
94		Norte e se estende até àqueles que ainda não
95		nasceram.
96		Também em 2013, jornais da Coreia do
97		Sul acusaram Un de ter mandado matar a ex-
98		namorada, a cantora pop Hyon Song-wol. Mas
99		meses depois, o regime divulgou um vídeo em que
100		afirmava que Hyon ainda estava viva. A última vez
101		que ela apareceu em público foi em 2015,
102		quando atuou em uma missão diplomática na
103		China.
104		

Fonte: <http://veja.abril.com.br/mundo/coreia-do-norte-assassinatos-e-traicoes-na-familia-kim/>

A relação entre as duas apresentações (E e D) demonstra que os adjuntos adverbiais podem funcionar como fatores de coesão textual, sendo indispensáveis, por muitas vezes, na construção do texto e, assim, auxiliando na coerência textual, já que em E faltam os adjuntos adverbiais e, conseqüentemente, o texto perdeu a relação entre suas partes. Essa relação se dá no nível do texto, mas, se tratando de oração, o adjunto adverbial apresenta funções bem determinadas.

Um dos problemas mais recorrentes (e sérios) é a má interpretação do que é um acessório. Como vimos no capítulo anterior, não é que os termos acessórios não sejam importantes, mas eles, se forem retirados, não interferem na boa formação da oração, porque, se ela inicialmente estiver bem formada, ainda haverá os elementos ditos essenciais e integrantes¹⁴.

Enquanto oração, o adjunto adverbial é categorizado como termo acessório, como descrito anteriormente, mas ressalta-se novamente que o problema não é ele ser acessório de uma oração, e sim o entendimento equivocado que se dá ao termo. Em se tratando de texto, essa definição não procede, pois ele desempenha uma função importantíssima, tornando-se indispensável na construção/tessitura do texto. Daí surge o estranhamento do leitor ao ler os textos E.

O corpus E mostra a importância dos adjuntos adverbiais na constituição do texto, pois, quando foram retirados, alterou-se a progressão textual, implicando na coerência do texto. Sendo assim, pode-se afirmar que, nesse corpus, os adjuntos adverbiais são de inteira importância no desenvolvimento do texto, funcionando como um importante elemento de coesão textual. Cabe ressaltar que não é uma regra geral que os elementos de coesão textual são fundamentais para que haja a coerência textual, pois há textos coerentes em que não são necessários tais elementos¹⁵.

Como pode ser notado, os dois textos E, embora tratem de um tema central, um fato em um jogo de futebol e o ditador da Coreia do Norte, demonstra uma má articulação entre os enunciados, apresentando, em muitas partes, um emaranhado de frases soltas, sem conexão entre elas, dificultando a progressão da leitura e seu entendimento, logo, formando uma sequência de frases sem muita coerência (linhas 12 a 17; 19 a 26; 53 a 55; 61 a 64; entre outros). Isso se deu porque foram retirados todos os adjuntos adverbiais do texto.

¹⁴ Os termos acessórios são os adjuntos (adnominal e adverbial), o aposto e o vocativo.

¹⁵ Exemplos desses textos são os conhecidos *Circuito fechado* e *Como se conjuga um empresário*.

Esse procedimento possibilitou também verificar que, além da coerência de um modo geral, em uma oração a informação que delimita e marca o espaço sobre o qual a notícia é narrada ficou incompleta (“Na Coreia do Norte, sangue é poder”, linha 53), deixando a sensação de que faltam informações para que o leitor entenda onde se dão os fatos descritos. Para um leitor que não tem conhecimentos específicos sobre a Coreia do Norte (o regime político ou a família que governa o país), o texto perde sua qualidade, obtendo tal informação somente ao final do texto, linhas 94-95.

No corpus em questão, foram encontrados 38 dados de análise. Essa quantidade revela um número expressivo de adjuntos adverbiais, visto que são dois textos curtos, o primeiro com 25 e o segundo com 34 linhas, em um total de 59 linhas. Dentre esse montante, pode-se observar que 27 adjuntos adverbiais aparecem deslocados, ou seja, não estão na ordem direta, enquanto, somente 9 estão em sua posição canônica ou ordem direta da oração.

De acordo com Pezatti (2014, p. 24), “o português é classificado como língua SVO [...]”, pois

Em português, a ordem direta consiste em antepor-se o sujeito ao verbo e este aos seus complementos, “mas a própria gramática admite uma série de exceções”, a que denominam de modo geral inversão. Há inversão quando qualquer termo está fora da ordem direta, fora da sua posição normal ou habitual. “A inversão pode dar à frase mais vigor e mais energia, o que é o mesmo que dizer mais ênfase, realce ou relevo”. Seja qual for a razão, a verdade é que as gramáticas da segunda metade do século XX passam a considerar uma ordem natural, a qual denominamos direta, e uma inversa (PEZATTI, 2014, p. 15-6) [grifos da autora].

Ilari et al. (2002, apud PEZATTI, 2014, p. 44-5) “apresenta um estudo minucioso sobre a posição dos advérbios na sentença e do papel que desempenham”. De acordo com a autora, a classe dos advérbios é muito heterogênea, tendo, como característica, um “caráter extremamente variado de funções sintáticas que exercem e dos ambientes sintáticos em que ocorrem” (p. 45).

Tomando como base a ordem direta para as línguas românicas, teremos uma sequência dos elementos constituintes da oração na seguinte ordem:

(22) Suj – V – Comp – Adj. Adv.

Como descrito pela análise do corpus, essa ordem não é uma regra geral, visto que o uso real da língua apresenta outras possibilidades. No entanto, em se tratando dos adjuntos adverbiais, cabe refletir sobre seu deslocamento. Um forte indício para esta estrutura, se for considerada uma ordem direta da oração, é o fato de que, quando o adjunto adverbial aparece no final da oração, ele não fica separado do restante da oração por vírgula, mas, quando aparece deslocado, se faz necessário colocá-lo entre vírgulas no meio da oração ou separado por vírgula quando aparece no início. De acordo com Cunha e Cintra, entre outras funções, a vírgula é utilizada para “isolar o adjunto adverbial antecipado, mas essa regra não se aplica a adjuntos adverbiais curtos, a não ser que se queira dar ênfase aos sentidos que eles podem trazer ao texto” (2008, p. 659-60).

Levando em conta essas reflexões e o número expressivo de 27 adjuntos adverbiais que aparecerem deslocados no corpus, o deslocamento é algo a se considerar em uma produção textual, pois ele, consciente ou não, auxilia no poder de coesão dos adjuntos adverbiais, visto que essa escolha faz com que se dê enfoque nesses elementos e, com isso, aumente o seu poder de coesão¹⁶. A partir dessa afirmação, pode-se dizer que esse processo se dá para uma melhor organização do texto, expressando-se na articulação dos adjuntos adverbiais para outros pontos da oração.

Dependendo a qual elemento o adjunto adverbial se relaciona, esse possível deslocamento, independentemente da posição (início, meio ou fim da oração) se restringirá ora à oração principal:

- (23) **Após aplicar cartões amarelos aos dois jogadores que iniciaram o tumulto, Jorge Gonzalez deu cartão vermelho para Kaká,** que não entendeu nada e deixou o campo rindo.

Ora à oração subordinada:

- (24) O segundo é **que seu irmão mais velho caiu em desgraça depois de uma tentativa fracassada de visitar a Disney no Japão em 2001.**
- (25) A punição a familiares de condenados é uma prática comum na Coreia do Norte e se estende até àqueles que **ainda não nasceram.**

¹⁶ Essa afirmação é uma hipótese de trabalho que não será aprofundada nesse estudo, mas que será desenvolvida em pesquisas futuras.

Podendo ocorrer também dentro de uma das orações coordenadas:

- (26) **No site da Major League Soccer**, o ex-jogador e analista Bobby Warshaw, considerou a atitude do árbitro correta, pois ele “cumpru a regra à risca”.
- (27) A punição a familiares de condenados é uma prática comum na Coreia do Norte e se estende até àqueles que ainda não nasceram.
- (28) Após aplicar cartões amarelos aos dois jogadores que iniciaram o tumulto, Jorge Gonzalez deu cartão vermelho para Kaká, que não entendeu nada e deixou o campo rindo.
- (29) Há histórias de amantes, tentativas de fuga, execuções e até parentes que **“casualmente”** desapareceram da história.

Nos exemplos acima, ocorreu algo distinto do que propõe a classificação do adjunto adverbial como um termo acessório e que pode circular livremente pela oração. Contrário a essa descrição, os adjuntos adverbiais dos exemplos (22) a (28) não apresentaram tal mobilidade. Essa definição não delimita o espaço de circulação dos adjuntos adverbiais, deixando a entender que eles podem se deslocar por todo o período, seja ele simples, composto por coordenação ou subordinação. De fato, é uma regra que o adjunto adverbial circula livre pela oração, observável nos demais exemplos do corpus, mas, como se viu, ele pode estar vinculado à oração principal, subordinada ou em uma das coordenadas. Por isso, esse estudo toma, como base para deslocamento e posição dos adjuntos (início, meio ou fim), não mais ao período como um todo, mas a sua relação com a oração principal, a subordinada ou uma das coordenadas, a depender do que o corpus permita.

O exemplo a seguir:

- (30) Kaká apareceu no bolo para separar e brincou com seu ex-companheiro de Orlando, Aurélien Collin, **colocando a mão em sua boca**

apresenta uma característica distinta dos demais, pois o que estabelece relação entre "em sua boca" e "seu ex-companheiro [...] Collin" é o possessivo "sua", que, como todo bom pronome, também é um elemento de coesão e ajuda a estabelecer a progressão referencial. Ao mesmo tempo em que esse pronome funciona como elemento de coesão, ele faz com que a posição do adjunto adverbial se torne fixa,

impossibilitando o seu deslocamento. No exemplo abaixo, pode-se notar a impossibilidade de deslocamento do adjunto adverbial.

- (31) a. Kaká apareceu no bolo para separar e, **colocando a mão em sua boca**, brincou com seu ex-companheiro de Orlando, Aurélien Collin.
 b. **Colocando a mão em sua boca**, Kaká apareceu no bolo para separar e brincou com seu ex-companheiro de Orlando, Aurélien Collin.

Os dois exemplos anteriores mostram que a opção de deslocamento do adjunto adverbial não interferiu na boa formação da oração. No entanto, pôde-se comprovar que a informação original transmitida pela oração perdeu totalmente o seu propósito. Tanto em (30a) como em (30b), a ação de colocar a mão na boca mudou de direcionamento, passando da posição 1 (a mão na boca de Aurélien Collin) para a posição 2 (a mão na boca de Kaká).

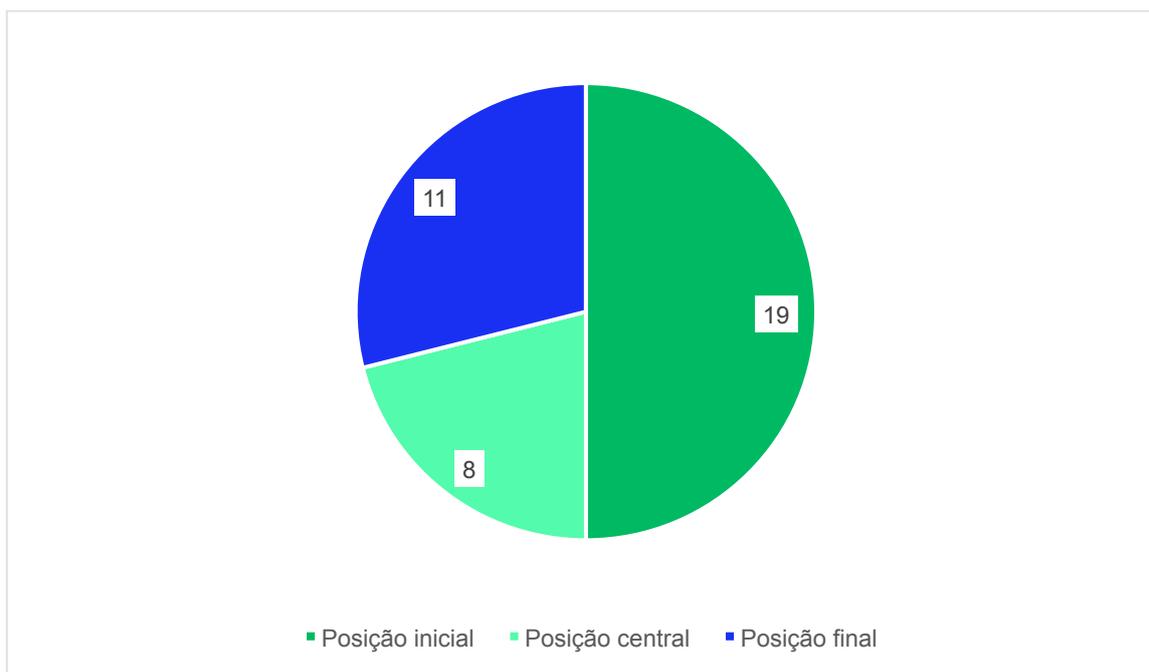
No exemplo a seguir, pode-se notar que o adjunto adverbial pode estar ligado também ao aposto e sem circular pela oração principal, o que causaria a perda do sentido desejado. Mesmo que esteja condicionado ao aposto, o adjunto adverbial circula por ele, podendo facilmente ser deslocado e ir para a posição final.

- (32) a. Em 2013, Kim-Jong-un ordenou o fuzilamento do tio, Jang Song-thaek, **até então** o segundo homem mais poderoso do país.
 b. Em 2013, Kim-Jong-un ordenou o fuzilamento do tio, Jang Song-thaek, o segundo homem mais poderoso do país **até então**.

A explanação do corpus acima mostrou que o quadro à esquerda apresenta um “texto” mal estruturado, com muitos pontos com perda de coesão e, conseqüentemente, coerência. Coerência essa que se pôde notar que foi constituída/desenvolvida também pelos adjuntos adverbiais, pois foram perdidas as noções de tempo, espaço, modo em que as ações ocorreram, entre outras.

No gráfico abaixo podemos ver a posição dos adjuntos adverbiais. Podemos ainda notar que, nos dois textos analisados, houve uma preferência maior pela ordem inversa da oração em relação à ordem direta, quanto à ocorrência de adjuntos adverbiais, tendo como montante expressivo a posição inicial, seguida da posição final.

Figura 3: Posição dos adjuntos adverbiais



Fonte: dados do autor

O gráfico acima demonstra a visualização dos adjuntos adverbiais em relação à sua posição, divididos entre: na cor verde, os adjuntos adverbiais deslocados na oração, com 27 ocorrências; na cor verde escuro, a posição inicial, com 19 ocorrências; na cor verde claro, a posição central, com 8 ocorrências; e, na cor azul, a posição final, com 11 ocorrências.

A seguir, apresentam-se os dados que aparecem na forma direta da oração para serem analisados quanto a seus possíveis deslocamentos:

Figura 4 – Deslocamentos da posição final para os adjuntos adverbiais

1º	A autoridade do atual ditador do país, Kim Jong-un, vem de três fatores: o primeiro é que ele pertence à família que governa o país há quase 70 anos .	A autoridade do atual ditador do país, Kim Jong-un, vem de três fatores: o primeiro é que ele pertence à família que, há quase 70 anos , governa o país.
2º	Meia brasileiro do Orlando City recebeu cartão vermelho por brincadeira com ex-companheiro – e graças ao "auxílio" do árbitro de vídeo	Por brincadeira com ex-companheiro , meia brasileiro do Orlando City recebeu cartão vermelho– e graças ao "auxílio" do árbitro de vídeo
3º	Na noite de sábado, o Orlando City foi derrotado pelo New York Red Bulls, pela Major League Soccer (MLS) .	Pela Major League Soccer (MLS) o Orlando City foi derrotado pelo New York Red Bulls, na noite de sábado.
4º	Nos minutos finais, Kaká foi expulso por ter feito uma mera brincadeira com um ex-companheiro .	Por ter feito uma mera brincadeira com um ex-companheiro , nos minutos finais Kaká foi expulso.
5º	Após aplicar cartões amarelos aos dois jogadores que iniciaram o tumulto, Jorge Gonzalez deu cartão vermelho para Kaká,	Após aplicar cartões amarelos aos dois jogadores que iniciaram o tumulto, Jorge Gonzalez deu cartão vermelho para Kaká, que

	que não entendeu nada e deixou o campo rindo .	não entendeu nada e rindo ,deixou o campo.
6º	O segundo é que seu irmão mais velho caiu em desgraça depois de uma tentativa fracassada de visitar a Disney no Japão em 2001 .	O segundo é que, depois de uma tentativa fracassada de visitar a Disney no Japão em 2001 , seu irmão mais velho caiu em desgraça.
7º	Depois da malsucedida viagem ao parque de diversões, o meio-irmão de Un, Kim Jong-nam , conseguiu fugir do país com o filho e acabou por se tornar uma voz dissidente do regime	Com o filho , depois da malsucedida viagem ao parque de diversões, o meio-irmão de Un, Kim Jong-nam , conseguiu fugir do país e acabou por se tornar uma voz dissidente do regime
8º	A punição a familiares de condenados é uma prática comum na Coreia do Norte e se estende até àqueles que ainda não nasceram.	Na Coreia do Norte , a punição a familiares de condenados é uma prática comum e se estende até àqueles que ainda não nasceram.
9º	A última vez que ela apareceu em público foi em 2015, quando atuou em uma missão diplomática na China .	Na China , a última vez que ela apareceu em público foi em 2015, quando atuou em uma missão diplomática.
10º	As críticas vindas de alguém do mesmo sangue se tornaram intoleráveis e o final da história ocorreu em fevereiro, com o assassinato de Nam no aeroporto de Kuala Lumpur, na Malásia, na fila do check-in para um voo para Macau, um território chinês .	As críticas vindas de alguém do mesmo sangue se tornaram intoleráveis e, em fevereiro, com o assassinato de Nam no aeroporto de Kuala Lumpur, na Malásia, na fila do check-in para um voo para Macau, um território chinês , o final da história ocorreu.
11º	Como se trata do país mais fechado do mundo, as brigas e traições familiares ocorrem dentro de uma elite dinástica protegida do escrutínio público .	Dentro de uma elite dinástica protegida do escrutínio público , como se trata do país mais fechado do mundo, as brigas e traições familiares ocorrem.

Fonte: dados do autor

Nessa figura, estão expostas as 11 orações que caracterizam a posição final dos adjuntos adverbiais. À esquerda, está o período original do texto e, à direita, apresentam-se os adjuntos adverbiais deslocados para o início do trecho. Esses adjuntos adverbiais poderiam perfeitamente ser deslocados para o início do período que, mesmo assim, não deixariam de ser um texto, nem formariam uma oração mal estruturada, exceto o décimo primeiro exemplo.

É importante ressaltar a relação que os adjuntos adverbiais apresentam com o verbo “ocorrer” nos dois últimos exemplos acima. Esse movimento de retirar os adjuntos adverbiais da oração e haver sua incompletude não deveria acontecer, já que ocorrer é verbo intransitivo (HOUAISS, 2001, p. 2048; MICHAELIS, 1998, p. 1478) e, nesse caso, não deveria exigir complemento. Esses adjuntos adverbiais parecem não ter a função de adjunto, mas a de complemento do verbo ocorrer. Para Perini (2009, p. 88), esse caso é denominado de adjunto circunstancial. Esse fato ocorre quando se tem na oração um verbo transitivo cujo complemento é um advérbio.

Assim, se explica o estranhamento do leitor ao observar seu deslocamento para o início da oração, em que podemos caracterizar o décimo primeiro exemplo como um não texto. No entanto, no décimo exemplo, podemos perceber que o deslocamento para o início da oração não altera o sentido e não caracteriza um não texto, já que a sequência de adjuntos adverbiais exerce somente a função de adjunto adverbial. Porém, a oração parece terminar abruptamente, dando a sensação de que falta um complemento para o verbo.

Gramáticos afirmam que o adjunto adverbial tem mobilidade na oração, porém falta um aprofundamento sobre as restrições a essa mobilidade. É o caso de alguns advérbios terminados em *mente*. Como visto no capítulo 2, o adjunto adverbial toma como escopo um elemento gramatical, modificando-o. Nesse caso, seu deslocamento, no período, altera semanticamente o enunciado. Ademais do exemplo anteriormente citado por Perini (2010, p. 319), essa relação com o escopo pode ser notada também com “casualmente”, exemplo extraído do texto, como segue abaixo:

- (33) a. Há histórias de amantes, tentativas de fuga, execuções e até parentes que “casualmente” desapareceram da história
- b. Há histórias de amantes, tentativas de fuga, execuções e “casualmente” até parentes que desapareceram da história.
- c. Há histórias de amantes, tentativas de fuga, execuções e até parentes que desapareceram “casualmente” da história.
- d. Há histórias de amantes, tentativas de fuga, execuções e até parentes que desapareceram da história “casualmente”.

O estudo do adjunto adverbial é algo pouco desenvolvido nos estudos lingüísticos. Nos capítulos anteriores, tentou-se fazer uma síntese do que gramáticos e linguistas do texto trazem sobre o assunto. Em geral, os gramáticos apenas descrevem e/ou classificam os adjuntos adverbiais, enquanto apenas alguns linguistas do texto indicam que o adjunto adverbial funciona como elemento de coesão textual, mas, geralmente, ele está mascarado em outras categorias, marcando ou delimitando espaço, tempo, e fazendo a articulação entre orações, períodos, parágrafos, entre outros.

Como foi desenvolvido na análise desse trabalho, o adjunto adverbial é indispensável para a construção/tessitura do texto, pelas várias funções que ele desenvolve, funcionando como um poderoso elemento de coesão textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo desenvolveu uma análise textual por meio da reflexão do adjunto adverbial como fonte de coesão do texto, demonstrando sua importância para o texto, na coerência e coesão. Ainda que na bibliografia consultada não se tenha encontrado nenhum autor que desenvolvesse a relação do adjunto adverbial como elemento de coesão, isso pôde ser provado na análise do corpus. De fato, foi possível notar que, na fonte de dados, o adjunto adverbial se mostrou fundamental para que haja coerência nos textos, pois, ao retirá-los, o texto não perdeu apenas coesão, mas também particularidades semânticas.

A partir das palavras de Koch (2007, p. 45), a coesão textual pode ser conceituada como: “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, formando sequências veiculadoras de sentido”. Nesse sentido, os elementos de coesão textual são subsídios fundamentais para que haja a o entrelaçamento das partes do texto.

Os elementos de coesão textual, por sua vez, não garantem uma escrita perfeita. Eles são apenas uma parte do todo. Há outras coisas que são necessárias para que se considere a escrita um texto¹⁷ bem elaborado: a boa formação do período e parágrafo, as pontuações, os critérios de textualidade, citados anteriormente, entre outros. Uma das maiores dificuldades dos alunos que estão ou que saem do Ensino Médio é a produção textual.

Essas produções apresentam problemas a respeito do que foi citado acima para sua boa elaboração. Fazendo um recorte e tomando como base as palavras de Simioni (2017, p. 209), podemos destacar que o problema da escrita está relacionado ao modo como está sendo desenvolvido o estudo da análise sintática nas escolas, sendo que as principais dificuldades dos alunos que chegam à universidade, muitos vindos de escolas públicas, sem o domínio da escrita, estão relacionadas a problemas como “ortografia, pontuação, crase, concordância, regência”. Essas dificuldades estão relacionadas à:

¹⁷ Embora um texto possa ser escrito ou oral, neste estudo, se deu ênfase no texto escrito, sendo necessário esclarecer que os elementos de coesão textual também estão presentes em textos orais.

[...] estruturação dos períodos, cuja vagueza de definição (unidade comunicativa composta de uma ou mais orações) não ajuda o aluno a compreender quando deve encerrar um período e começar outro. O resultado são textos compostos por parágrafos de período único, em geral demasiadamente extensos e desorganizados, com orações mal estruturadas ou incompletas, em que os conectores lógicos ou não são empregados, ou são empregados equivocadamente (SIMIONI, 2017, p. 211).

O fato é que, se houvesse um trabalho nas escolas em que o ensino fosse desenvolvido como o proposto pela análise sintática, numa perspectiva de funcionalidade da língua e não de simples classificação de suas especificidades, esses alunos poderiam sair do Ensino Médio produzindo textos com parágrafos e períodos bem estruturados. No entanto, só esse trabalho não é suficiente para que o texto esteja completo, visto que:

Se, por um lado, podemos realizar enunciados completos e explicá-los com gramáticas de frase, tornando-os independentemente, por outro lado, sabemos que vários enunciados corretamente construídos, quando postos em sequência imediata, podem não formar uma sequência aceitável. Isso quer dizer que um texto não é uma simples sequência de frases bem formadas. Essa sequência deve preencher certos requisitos. A coesão textual é justamente a parte da LT que determina um subconjunto desses requisitos de sequencialidade textual (MARCUSCHI, 2008, p. 100).

Essa falta de relação entre as frases, ou entre outras partes do texto, é uma das maiores críticas da Linguística Textual ao processo de estudo da língua nas escolas, pois, ao se dar ênfase à análise sintática, deixando outros mecanismos de estudo da língua em segundo plano, os alunos podem passar a produzir textos que não têm articulação entre suas sentenças. Mas vale destacar que, se o aluno tiver domínio das estruturas sintáticas, pode-se inserir outras questões que fazem a articulação entre as partes do texto. A partir daí, o trabalho bem feito por meio da sintaxe e em conjunto com pressupostos teóricos da Linguística Textual são ferramentas essenciais para que se forme um bom escritor/leitor, unindo, assim, o estudo do período ao estudo do texto.

Visto isso, apesar de se notar que o corpus possui outros elementos de coesão, a retirada dos adjuntos adverbiais mostrou que sem eles não há uma boa relação entre as partes. Embora os adjuntos adverbiais sejam classificados como termos acessórios da oração, quando inseridos no texto, eles desempenham um papel distinto de sua função sintática, continuam a completar o sentido da oração, mas passam a auxiliar na coesão textual. Sem dúvida, os adjuntos adverbiais, no

texto, se apresentam não somente como algo dispensável ou um acessório, sem que se tenha perdas significativas, mas também como fator de coesão textual.

REFERÊNCIAS

CASTRO, R. V.; LEFFA, V. J. Texto, Hipertexto e interatividade. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, p. 165-92, 2008.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva**. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. O desenvolvimento da linguística textual no Brasil. **DELTA**, v. 15, n. especial, 1999, p. 165-180.

_____. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

_____. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: contexto, 2010.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência Textual**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 1996.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. Operações semânticas sobre construções. In: _____. **Semântica**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 28-40.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

_____. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MURAD, C. R. R. O. O Funcionalismo e o Gerativismo: principais características e expoentes. **Nucleus**, Ituverava, v. 8, p. 345-52, 2011.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEZATTI, Erotide G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola, 2014.

SIMIONI, Leonor. O lugar da linguística formal nos cursos de Licenciatura em Letras. In: NEUSCHRANK, Aline et al. (Org.) **Memórias e perspectivas: 10 anos de Curso de Letras – Universidade Federal do Pampa / Campus Jaguarão**. São Paulo: Todas as Musas, 2017. p. 207-39.

TERSARIOL, A. **Origem da Língua portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Livros Irradiantes, 1971.

VITRAL, L. O lugar do modificador. In: _____. **Gramática inteligente do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.